



CC (FN) **Herbert Medeiros Almeida**
h.almeida@marinha.mil.br

A interação entre conflito e sociedade como catalisador de novos conceitos militares



O CC (FN) **HERBERT ALMEIDA** serve atualmente no Comando do Material de Fuzileiros Navais (CMatFN), como Ajudante. Já serviu no Batalhão de Blindados de Fuzileiros Navais como Comandante de Pelotão de CC e Comandante da Companhia de Viaturas Blindadas sobre Rodas. Integrou os 15º e 20º Contingentes do GptOpFuzNav – Haiti. Foi instrutor do CAOCFN e C-ApA-CFN, no CIASC. É oriundo do Colégio Naval, cursou o Curso de Aperfeiçoamento de Oficiais do Corpo de Fuzileiros Navais (CAOCFN), além de realizar o Curso de Aperfeiçoamento da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais do Exército (ESAO) e o *Curso de Operaciones Anfíbias y Expedicionarias* (COAE) da Infantaria de Marina da Espanha. É, também, Mestre em Segurança, Defesa e Estratégia pelo Programa de Pós Graduação em Estudos Marítimos (PPGEM) da Escola de Guerra Naval (EGN).

Resumo

Historicamente é possível observar que conflito e sociedade sempre interagiram entre si. Nos primórdios, avanços tecnológicos em armamentos e táticas de guerra aconteceram quando seres humanos substituíram seu estilo de vida baseado na coleta e caça, pelo sedentarismo. Os gregos tinham suas forças baseadas em fazendeiros e na estrutura da falange. A influência de Roma estava enraizada em seu poderio militar com seus militares profissionais, os legionários. Os pequenos reinos que emergiram das ruínas do Império Romano, tiveram como política a sociedade feudal, baseada no contrato entre o senhor e seu vassalo. Em nova rodada de inovações o baixo custo e a fácil operação das armas de fogo tiveram efeito na estrutura militar e numa nova ordem social. É possível identificar processos que se repetem de tempos em tempos. A sociedade, motivada por alguma necessidade, gera tecnologias, que consequentemente têm impactos sobre os conflitos. As mudanças nesses conflitos, compelem o estabelecimento de nova organização ou orientação das forças militares, que por conseguinte acaba por influenciar a sociedade dos homens. A tecnologia digital tem exercido um papel de destaque, propulsando mudanças globais, sua interatividade impele o conflito a buscar influenciar pessoas e, assim, maior legitimidade, impondo um novo fator de decisão para as forças militares, a implicação midiática de suas atitudes. O conflito passa a ter caráter mais civil, não interestatal, ser de baixa intensidade, mas com grande brutalidade, baseado em táticas de terror e guerrilha. Esse ciclo da interação constante entre conflito e sociedade pode estabelecer os alicerces para novos conceitos militares.

Palavras-chave: conflito e sociedade; desenvolvimento tecnológico; falange; legionários romanos; sistema carolíngio; feudalismo; sociedade feudal; ordem social; conflito; legitimidade; fator de decisão; baixa intensidade.

Abstract

Historically, it is possible to observe that conflict and society have always interacted with each other. In the early days, technological advances in weapons and warfare tactics occurred when human beings replaced their lifestyle based on gathering and hunting with a sedentary lifestyle. The Greeks had their forces based on farmers and the phalanx structure. Rome's influence was rooted in its military power with its professional soldiers, the legionaries. The small kingdoms that emerged from the ruins of the Roman Empire had a feudal society as its policy, based on the contract between the lord and his vassal. In a new round of innovations, the low cost and easy operation of firearms had an effect on the military structure and a new social order. It is possible to identify processes that repeat themselves from time to time. Society, motivated by some need, generates technologies, which consequently have an impact on conflicts. Changes in these conflicts compel the establishment of a new organization or orientation of military forces, which consequently ends up influencing human society. Digital technology has played a prominent role, driving global changes, its interactivity pushes the conflict to seek to influence people and, thus, greater legitimacy, imposing a new decision factor for the military forces, the media implication of their attitudes. The conflict now has a more civil character, not interstate, being of low intensity, but with great brutality, based on terror and guerrilla tactics. This cycle of constant interaction between conflict and society can lay the foundation for new military concepts.

Keywords: conflict and society; technological development; phalanx; Roman legionnaires; Carolingian system; feudalism; feudal society; social order; conflict; legitimacy; decision factor; low intensity.

Introdução

Desde os primórdios da humanidade é possível se observar que conflito e sociedade interagem entre si. No período pré-histórico, quando o homem era caçador e nômade, os conflitos violentos ocorriam por disputas de recursos naturais. No entanto, nesse período não havia condições estruturais para a guerra, como conhecemos hoje, visto que os humanos, em sua maioria, viviam em contingentes reduzidos e de forma isolada e suas armas rudimentares serviam, quase que exclusivamente, ao propósito da caça de animais (Mann, 1986; Ferrill, 1985).

É somente com o desenvolvimento tecnológico, através da criação de armamentos, como o arco e a maça, de determinados avanços estratégicos e táticos, como colunas de homens enfileirados, e da construção de edificações com caráter defensivo, que se inicia a discussão sobre conflitos violentos entre grupos de humanos (Ferrill, 1985). Interessante, do ponto de vista sociológico, é que esses avanços acontecem no mesmo momento histórico que os seres humanos começam a substituir o estilo de vida baseado em coleta e caça, por um estilo de vida sedentário e agrícola. Isto significa que não há coincidência entre o uso da violência e a forma como os humanos se organizam.

Nessa conjuntura, cabe ressaltar que quando homens se juntam para viver coletivamente, estabelecem-se ordens subdivididas em direitos e deveres, a fim de permitir que eles possam viver harmonicamente. Com isso surge a divisão de trabalho e de funções, promovendo uma maior capacidade de produção e consequentemente de desenvolvimento à comunidade (Durkheim, 2004).

No entanto, cada indivíduo mantém sua autonomia, podendo julgar, de acordo com seus próprios princípios, que de alguma maneira, está sendo injustiçado ou preterido em relação ao próximo. Assim, surge a questão do conflito, pertencente à ordem das relações sociais, em que há a discórdia fruto do desacordo (Freund, 1995), sendo a guerra o conflito em sua forma mais violenta. Assim, é possível perceber a constante influência entre conflito e sociedade, sendo tal interação percebida em diversos momentos da humanidade.

Interação histórica entre conflito e sociedade

Nesse contexto, cabe analisar alguns períodos históricos para melhor observar essa interação. Os gregos tinham suas forças, basicamente compostas de fazendeiros, estruturadas na falange, onde sua superioridade militar era baseada em sua estrutura organizacional, já que ela mantinha os soldados em linha, impedindo-os de fugirem do campo de batalha. Não havia postos hierárquicos determinados, tais patentes eram eleitas, assim como os cargos civis (Keegan, 1994). Nessa época, o foco era mais em empurrar a linha inimiga a frente do que em matar propriamente dito. Para isso, fazia-se extremamente importante que os soldados não abandonassem seus escudos, mantendo a linha. Dessa forma, a sociedade foi mudando, tendo como ideal a organização social que valorizava a responsabilidade, a solidariedade e a moralidade. Tal fato se torna claro quando se reflete sobre uma mãe espartana falando ao seu filho que ele deveria retornar do campo de batalha com seu escudo ou sobre ele. Ela não se referia a um ato de coragem, mas à responsabilidade que se deveria ter junto ao coletivo (Malesevic, 2010).

A importância da organização social na expansão da violência se tornou mais clara através do império romano. A inédita força, longevidade e influência política e cultural de Roma estavam profundamente enraizadas em seu poderio militar. Roma era mais um exército que um Estado, com epicentro em suas legiões. Embora a origem da legião possa ser rastreada até a falange grega, sua estrutura e sofisticação organizacional a diferencia completamente do modelo anterior. Os comandantes de unidade, os centuriões, eram oficiais profissionais de longa data, o primeiro de seu tipo na história, tornando o exército romano bem organizado, disciplinado e estruturado (Malesevic, 2010). Nesse sentido, ao contrário dos gregos, os legionários romanos eram soldados pagos, o que ajudou a separar esses homens da terra e torná-los um exército profissional, capaz de lutar distante de casa (Santuosso, 2018). A força do Estado romano foi centrada em sua força militar e sua capacidade militar era centrada em sua organização social, historicamente sem precedentes.

Figura 1: Legião Romana



Fonte: História de Roma (2018).

Cabe ressaltar que Roma, ao invés de escravizar grupos inteiros, tendia a acomodar e gradualmente assimilar as elites dos inimigos derrotados. De fato, o sucesso de expansão de um império tão grande se baseava, em parte, nas decisões das elites locais que, após a rendição, tornavam-se parte integrante da estrutura administrativa romana. Com a intenção de manter privilégios ou mesmo de alcançar alguma promoção, tais elites assimilavam a cultura romana (Malesevic, 2010). O Império Romano, por sua vez, dedicava uma grande quantidade de energia e recursos à romanização de seus cidadãos: “essa política consciente envolvia o ensino de linguagem e alfabetização, construção de teatros e anfiteatros e a integração de cultos locais aos cultos romanos” (Mann, 1986, p. 269). Em outras palavras, o império romano, com sua sociedade extremamente influenciada pelos conflitos enfrentados pelas legiões, gerava, em sua expansão territorial, necessidades que eram absorvidas e resolvidas através da organização social, influenciando ainda mais a sociedade de seu tempo.

Os pequenos reinos que emergiram das ruínas do Império Romano do ocidente, após séculos de disputas entre casas reais e conversões em massa ao cristianismo, teve como política dominante e força militar na Europa ocidental, a dinastia Carolíngia. O sistema carolíngio era fortemente baseado na combinação da tradição germânica de guerra, de ligação pessoal e lealdade mútua entre o chefe guerreiro e seus aliados próximos, e da prática romana do *precarium*: ato que visava fornecer recursos aos guerreiros em tempos de paz, ou seja,

em períodos de poucas oportunidades de saque. Assim, o rei recompensava os melhores guerreiros através do arrendamento de terras. Dessa forma, o serviço militar dos vassalos estava ligado à terra, com a posse concedida pelo senhor (Poggi, 1978; Keegan, 1994; Malesevic, 2010). Tal arranjo, estabelecido a fim de se estruturar para fazer frente aos conflitos militares, influenciou de forma direta a sociedade, já que a espinha dorsal do feudalismo está fundamentada na forma de operação do modelo Carolíngio.

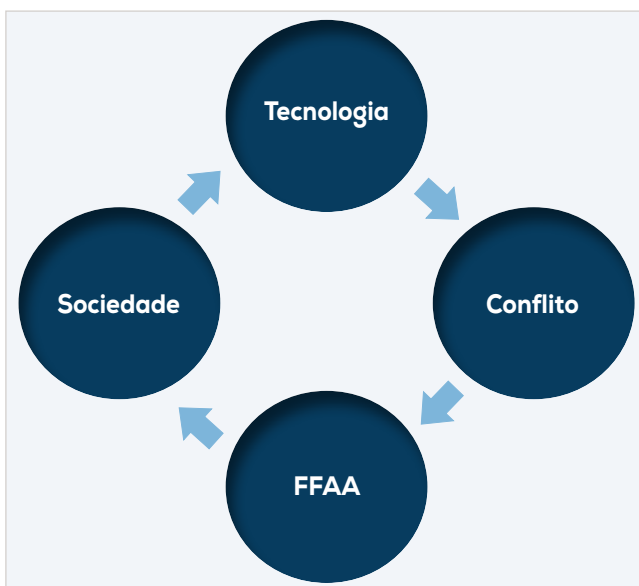
A sociedade feudal era baseada no contrato entre o senhor e seu vassalo, gerando uma estrutura de potência multipolar fundamentada em reinos menores. Os vassalos não eram sujeitos a caprichos dos reis, mas agentes altamente sociais independentes. Os governantes tinham que garantir sua lealdade através de recompensas materiais e hierarquia de status. Desta forma, os reis não poderiam travar guerras bem-sucedidas, nem proteger seu reino sem a assistência militar de seus vassalos, que por sua vez exigiam a proteção dos governantes, concessões de terras e reconhecimento social (Beeler, 1971). Desta forma, a necessidade da organização para o conflito na era medieval gera uma clara estratificação social, já que um pequeno número de cavaleiros domina completamente o resto da população. Neste período, mais soldados morriam na retirada do que na batalha em si, já que a guerra era conduzida, quase que exclusivamente, pelos cavaleiros. A estrutura feudal não tinha a capacidade de manter os soldados no campo de batalha, reflexo da estrutura social anárquica do feudalismo (Malesevic, 2010).

As inovações tecnológicas acabaram por transformar drasticamente a guerra, gerando uma revolução militar. O baixo custo e a fácil operação das armas de fogo, tiveram efeito na estrutura social militar e na ordem social como um todo, já que qualquer um poderia aprender como carregar e atirar esse tipo de arma. Ou seja, uma numerosa infantaria armada com armas de fogo simples e baratas substituíram uma cara e exclusiva cavalaria. Embora alavancado nos avanços tecnológicos de armamentos, fortificações e outras esferas materiais, o conceito de revolução militar também abrangue a criação de novas doutrinas militares, como o desenvolvimento de táticas lineares, melhorias no controle e na logística das tropas e um aumento substancial no tamanho

dos exércitos europeus (Malesevic, 2010). Dessa maneira, a disciplina romana foi reintroduzida, a fim de se realizar constantes e exaustivos adestramentos. Tal adestramento tinha como foco a disciplina militar, a flexibilidade em campo de batalha, a centralização da autoridade, a liderança e a obediência inquestionável ao comandante (Mann, 1986, p. 454). Como consequência das mudanças tecnológicas e da expansão da organização burocrática as guerras se tornaram mais prolongadas e destrutivas, com aumento substancial de mortes humanas. Consequentemente, a guerra passou a exigir grandes exércitos permanentes.

Para facilitar uma coordenação eficaz de transporte, acomodação, treinamento, suprimento e sustento, a administração militar teve que se tornar mais integrada, centralizada e geograficamente unificada, refletindo tendências semelhantes as que ocorrem no nível do próprio Estado (Malesevic, 2010). De acordo com Tilly (1975) e Giddens (1985), a preparação para a guerra foi a razão mais importante para o desenvolvimento do Estado. Em seus constantes esforços para financiar as caras guerras (e a conquista de novas terras estrangeiras), os governantes foram forçados a centralizar a autoridade, e isso acabaria com a estrutura que caracterizava o feudalismo. O modelo absolutista foi crucial no processo de formação do Estado, uma vez que monopolizou e legitimou o uso da violência dentro de seu território. Foi o contexto da guerra que criou o absolutismo e foi o absolutismo que abriu as portas para a modernidade (Malesevic, 2010).

Figura 2: Ciclo de Interação Conflito e Sociedade



Fonte: O autor.

Observando-se diversos exemplos na história da interação entre o conflito armado e a sociedade, é possível notar alguns processos que se repetem de tempos em tempos, de forma cíclica. A sociedade, motivada por alguma necessidade, gera tecnologias, que consequentemente têm impactos na forma que o conflito passa a ser lutado. Tais mudanças no conflito, compele o estabelecimento de uma nova organização ou orientação das forças militares, que por conseguinte acaba por influenciar a sociedade dos homens.

O Mundo Atual

Nesse contexto, a dissolução da União das Repúblicas Socialistas Soviéticas e o término da Guerra Fria (1991), permitiram um ambiente multipolar, difuso e instável, caracterizado por uma reacomodação de forças e pelo aparecimento de disputas geradas por problemas étnicos, religiosos, políticos e tribais. Ainda nesse cenário, surgiram novos vetores com importância crescente, como as diversas Organizações Não-Governamentais (ONG) e Organismos Internacionais (OI). Outro fato pertinente, foi o processo de integração planetária social e econômica que passou a relacionar pessoas e empresas de todo o mundo. Tal modelo se consolidou nos anos oitenta, com a definição do capitalismo, baseado na lógica de obtenção de lucros, como uma ordem mundial e ficou conhecido como globalização. Criou-se, assim, uma rede de conexões que diminui as distâncias e facilita as transações comerciais, financeiras e culturais. O mundo ficou mais próximo, se autoinfluenciando em vários sentidos, o que impacta a sociedade diretamente (Araújo, 2015).

Nesse tempo de grandes mudanças, entre os diversos aspectos que afetam o social, a tecnologia digital tem exercido um papel de destaque como propulsora global de cada vez mais alterações de realidade. As inovações digitais surgiram como fruto de um ambiente e hoje são elas que criam uma atmosfera social que atinge o cenário como um todo, cumprindo um papel fundamental na vida das pessoas, pois disponibilizam um espaço novo e dinâmico para interações sociais (Baptista; Bertolli Filho, 2012).

Ou seja, se anteriormente o imaginário coletivo era constituído primordialmente através de tradições, escola, família e religião, que tinham um

certo tempo de assimilação, hoje a tecnologia leva ao imediatismo e a instantaneidade, o que favorece atitudes igualmente imediatas e instantâneas (Araújo, 2015). Tal questão se mostra agravada quando se verifica que esse aumento quantitativo não necessariamente é acompanhado de um ganho qualitativo e isso interfere, sobremaneira, na opinião pública acerca de um tema ou fato que esteja em questão.

Figura 3: Mundo Conectado



Fonte: IStock¹.

Conclusão

Nesse processo evolutivo, essa tecnologia que permite tamanha interatividade impele o conflito a buscar a influência sobre as pessoas com uma busca incessante de legitimidade. Tal legitimidade antes relegada a segundo plano, torna-se cada vez mais essencial, convertendo-se, por muitas vezes, o objeto do conflito em si, já que necessitam-se cada vez mais do apoio da opinião pública. Seja interna, a fim de manter o apoio financeiro à campanha, seja internacional para não sofrer influências que o impossibilitem de ter operações bem-sucedidas. Assim, a população passará a ser cada vez mais importante, o que leva as forças militares a se depararem com um novo fator de decisão, a implicação midiática de suas atitudes e o possível julgamento de seus atos de forma descontextualizada.

Essas questões lançam luz para o entendimento dos conflitos violentos da atualidade, que são de caráter civil ao invés de interestatal, possuem métodos não ortodoxos se valendo de alta tecnologia, dispõem de financiamento externo ao invés de interno e são caracterizados por serem de baixa in-

tensidade, mas acompanhados de alta brutalidade, atacando deliberadamente os civis. Esse novo tipo de conflito é baseado em táticas de terror e guerrilha, em estratégias militares como controle da população ao invés de captura territorial, utilização de diversos tipos de combatentes (exércitos privados, gangues e senhores da guerra ao invés do soldado profissional ou conscrito) e são altamente descentralizados (Malesevic, 2010).

Figura 4: Manipulação da Informação



Fonte: Penser critique².

É nesse ponto que são estabelecidos os alicerces para o surgimento de novos conceitos militares, os quais sejam capazes de se moldar ao ambiente operacional de hoje e fazer frente às novas ameaças. Cabe ressaltar que essas concepções doutrinárias são fruto do ciclo da interação constante entre conflito e sociedade, portanto necessárias a qualquer força militar que anseie manter seu poder de combate, pois tal evolução caminha com referência na marcha inexorável do tempo e permeia a todos, indiferentemente do grau de preparo adquirido. Isto é dizer que ignorar estas conclusões seria incorrer em erro semelhante a confiar cegamente na hipótese de que uma cavalaria, somente munida de seus cavalos e armaduras reluzentes, seria suficiente para obter sucesso em um campo de batalha contra armas de fogo automáticas.

¹Disponível em: <https://photostockeditor.com/clip-art-vector/world-maps>. Acesso em: 23 jul. 2024.

²Disponível em: <https://www.penser-critique.be/>. Acesso em: 23 jul. 2024.

Referências

ARAÚJO, Júlia M. C. **Zeitgeist e comunicação: relações, influências e usos**. 2015. 74 f. Monografia (Bacharelato em Publicidade e Propaganda) – Universidade de Brasília, Brasília, 2015.

BAPTISTA, Juliana; BERTOLLI FILHO, Claudio. Cultura, identidade e o Zeitgeist digital. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 17., 2012, Ouro Preto. **Resumos** [...]. São Paulo: Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2012.

BEELEER, John. **Warfare in feudal europe, 730–1200**. Ithaca: Cornell University Press, 1971.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução Eduardo Lúcio Nogueira. 9. ed. Lisboa: Editorial Presença, 2004.

FERRIL, Arther. **The origins of war: from the stone age to Alexander the great**. London: Thames and Hudson, 1985.

FREUND, Julien. **Sociología del Conflicto**. Tradução Juan Guerrero Roiz de la Parra. Madrid: Ministerio de Defensa, 1995.

GIDDENS, Anthony. **The nation-state and violence: volume two of a contemporary critique of historical materialism**. Berkeley; Los Angeles: University of California Press, 1985.

HISTÓRIA de Roma: blog sobre história de Roma e outros assuntos. [s. l.], 2018.

KEEGAN, John. **A history of warfare**. New York: Vintage Books, 1994.

MALESEVIC, Sinisa. **The sociology of war and violence**. Nova York: Cambridge University Press, 2010.

MANN, Michael. **The sources of social power: volume I, a history of power from the beginning to AD 1760**. Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

POGGI, Gianfranco. **The development of the modern state: a sociological introduction**. Stanford: Stanford University Press, 1978.

SANTOSUOSSO, Antonio. **Storming the heavens: soldiers, emperors and civilians in the Roman empire**. New York: Routledge, 2018.

TILLY, Charles. **The formation of national states in western europe**. Princeton: Princeton University Press, 1975.

